

NOVOS HORIZONTES PARA A PRÁXIS TRANSFORMADORA (escatologia e utopia nos capítulos centrais de Trito-Isaías)

Humberto Maiztegui Gonçalves

A terceira parte do livro de Isaías, entre os capítulos 56 e 66, é um belíssimo conjunto de poesia profética chamado “Trito-Isaías”. Estes capítulos expressam uma construção coletiva, como em um mosaico, com contribuições que vão lhe acrescentando, em harmônica diversidade, novas formas e cores. Em parte, este mosaico foi feito com o resgate de trechos das profecias anteriores presentes em Primeiro Isaías, ou no Isaías histórico, nos capítulos 1-39, e de Dêutero-Isaías nos capítulos 40-55. Os comentaristas de Trito-Isaías diferem sobre a época desta profecia. Schramm apresenta diferentes teorias que distribuem os textos entre o pré-exílio e o período helenístico, isto é, com textos anteriores a 587 aC e posteriores a 330 aC¹. No entanto, segundo a maior parte dos seus intérpretes, o núcleo do livro, ou o centro do mosaico, que se encontra nos capítulos 60-62, pertence à época imediatamente posterior ao retorno de parte da população exilada na Babilônia a Jerusalém, antes da reconstrução do Templo de Jerusalém, isto é, entre 538 e 515 aC². Nestes capítulos centrais é que buscaremos compreender o encontro entre escatologia e utopia, entre a proposta e ação divina e os sonhos e participação popular na construção de uma nova sociedade.

Quando a comunidade das pessoas exiladas na Babilônia retorna a Jerusalém sente-se desafiada pela oportunidade de corrigir os erros históricos que antes os levaram à destruição e ao exílio. Os anos passados na Babilônia, vistos como tempo de penitência e preparação por esta comunidade, não fariam sentido se não se mostrassem na prática a disposição de viver conforme a vontade Deus. Essa vontade de construção de uma sociedade justa é expressa desde os versículos iniciais: “Assim diz Javé: Guardai o direito e fazei justiça! Pois minha salvação está próxima e minha justiça para os cativos” (56,1)³.

Esta gente traz para Jerusalém o sonho de uma sociedade inclusiva. Não se conformam com uma nova sociedade apenas para os que retornaram, sua proposta se faz extensiva às pessoas estrangeiras e eunucos incluindo, assim, toda a população antes “desqualificada” por não serem considerados “iguais a nós”⁴. A sociedade inclusiva

1. Brooks SCHRAMM. *The opponents of Third Isaiah*, p. 16-17.

2. Werner SCHMIDT. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 255.

3. Severino CROATTO. *Isaías; a palavra profética*, p. 16, 21s e 309. Este autor aponta, a partir da análise da abertura do bloco 56–66, que Trito-Isaías contém um “programa de Javé” que aqui preferimos compreender como proposta escatológica.

4. Walter BRUEGGEMANN. *Biblical perspectives on evangelism*, p. 32-33. O autor diz que Is 56–66 oferece uma reconstrução das relações sociais, sendo que a restauração de Israel deve ser necessariamente uma comunidade inclusiva (*inclusive community*).

foi o sonho de pessoas que antes foram excluídas da sua terra, cultura e fé, mas, também, foi entendida como uma proposta vinda diretamente de Deus. Assim utopia e escatologia se misturam no mosaico de Trito-Isaías. Veremos como isso acontece no seu centro, em Isaías 60–62.

1. Escatologia: realização divina na história humana

Escatologia significa literalmente “doutrina da coisa última”. Em termos teológicos a escatologia quer mostrar os horizontes da intervenção divina na história. O *escaton*, em grego, “fim”, aponta ao mesmo tempo para a finalização da história e para o começo de uma nova realidade na qual o projeto divino se realiza completamente. Pode-se dizer que, em termos escatológicos, o “último” não é o fim, mas o começo da eternidade. No *escaton* a vontade de Deus realiza-se definitivamente e para sempre.

A realização escatológica em si independe da participação humana sendo consequência direta da ação divina, mesmo que seu campo seja a história da humanidade. Sendo assim a proposta escatológica divina envolve a história humana e mistura-se com as ações humanas que podem conspirar ao seu favor ou contra ela. Portanto, a escatologia não se encontra apenas no futuro, mas principalmente no presente. A fé na proposta escatológica divina torna-se, então, a motivação essencial para a execução histórica de um programa profético através da qual se revelam os horizontes da realização definitiva do plano divino, isto é, a concretização dos objetivos últimos da vontade de Deus.

Tem sido criticado o entendimento da escatologia que prevaleceu na Teologia da Libertação por ser visto como uma realização exclusivamente histórica e política do plano de Deus⁵. No entanto, seria igualmente reducionista compreender a realização do plano de Deus, cujo relacionamento com a humanidade se dá na história sem relacioná-la com a práxis histórica através da qual as realidades trans-históricas e universais das questões últimas são reveladas⁶.

2. Utopia: sonho popular de uma transformação radical da realidade

O sonho utópico de uma sociedade perfeita se apresenta, pelo menos no nível do pensamento, como uma oposição radical às mazelas da humanidade. A palavra “utopia” foi usada por primeira vez por Tomás Moro (1516), no livro com o mesmo nome. A palavra significa *ou topos*, em grego, “sem lugar”. Isto é, trata-se da projeção dos desejos humanos de superação de certos males em um horizonte imprevisível da história.

5. COMICIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Algunas cuestiones actuales de escatología*, p. 195. Segundo aponta este documento “la esperanza teologal pierde fuerza siempre que se le substituye por un dinamismo político”.

6. Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*, p. 380-381. Este teólogo indica que a visão escatológico-messiânica no AT é claramente “ligada à história, isto é, a um grupo histórico, a seu passado e ao seu futuro”, combinando, como na teologia do pós-exílio, elementos históricos e trans-históricos. A teologia cristã, mesmo que tenha, em princípio, tendido para uma visão extra-histórica da realização escatológica, optou finalmente pela preservação concomitante do caráter histórico. Tillich recomenda, no entanto, que, ao tempo que deve se defender o sentido histórico, não seja prejudicado o significado universal da fé cristã dando-lhe uma “validade condicional de um movimento histórico contingente”.

As propostas utópicas, desde seus primeiros autores Renascentistas, incluíam críticas à existência desumana promovida por sistemas econômicos e em novos modelos de coexistência social⁷.

O paradoxo utópico se dá entre o pensamento imaginário e capacidade de concretizá-lo. Essa distância entre “sonho” e “realidade histórica” levou alguns a se opor fortemente ao pensamento utópico. Estes críticos entenderam que este tipo de pensamento impedia as pessoas de planejar ações realizáveis e construir alternativas possíveis levando, inclusive, a graves enganos políticos.

No entanto, a idéia utópica carrega intrinsecamente a fé na realização do impossível e, de uma forma ou outra, está presente no clamor das pessoas que sofrem. Se os sonhos utópicos podem ser entendidos como orações por um mundo melhor, a escatologia é a resposta a essas orações! Deus não responde fazendo exatamente aquilo que é proposto pelas utopias humanas, mas vai ao seu encontro, completando as utopias e mostrando, a partir delas e além delas, a fonte do poder libertador que abraça, ou compreende, todos os mais belos sonhos da humanidade⁸.

Os capítulos centrais de Trito-Isaías (60–62) oferecem uma bela visão do encontro entre os desejos utópicos dos que retornam do exílio e a proposta escatológica divina.

3. A Glória de Javé como ponto de partida para um movimento escatológico revolucionário

A “glória de Javé” marca a proposta escatológica de Trito-Isaías (58,8; 59,19; 66,18-19, entre outros) e abre os capítulos centrais. A glória anunciada não apenas ilustra a visão escatológica (oferecendo a imagem da realização definitiva da vontade divina), mas motiva, mobiliza em direção à sua consumação no horizonte da história. Esta motivação escatológica aparece explicitada já nos primeiros versículos do capítulo 60:

Levanta-te! Brilha! Pois chegou tua luz
e a glória de Javé brilhou sobre ti
Pois eis que a treva encobriu a terra
e a escuridão as nações,
e brilhou sobre ti a glória de Javé

O capítulo 60, assim como boa parte da profecia de Isaías se dirige a uma segunda pessoa feminina⁹. Ela, seguramente Jerusalém/Sião, é a receptora e transmissora da proposta escatológica, poderia dizer-se que a cidade santa é o epicentro escatológico de Isaías, de onde tudo sai e para onde tudo converge. Há, neste versículo, uma ênfase

7. José Antonio GIMBERNAT. *Utopia*, p. 1443-1444.

8. Paul TILLICH. *Teologia Sistemática*, p. 788. Este teólogo entende que o “utopismo secular” acabou dando lugar, primeiramente, a uma “confiança idolátrica em algo finito” e, depois da frustração correspondente, deu lugar a “uma história de cinismo, de indiferença de massa, de consciência dividida dos grupos dirigentes, de fanatismo e de tirania”.

9. Em hebraico existe na segunda pessoa do singular uma forma masculina *ka* e uma forma feminina *ke*. Em Trito-Isaías, toda vez que se fala em segunda pessoa “tu” é na sua forma feminina.

na mobilização marcada no duplo imperativo: levanta-te/brilha. Este tipo de afirmativa aparece também no livro do Isaías histórico, em um sentido contrário, motivando a fuga da “virgem violentada”. Agora “ela”, ou este “tu” feminino, pára de fugir e de cair em permanente desgraça, agora pode se levantar e brilhar por causa da “glória de Javé”. Então, a visão escatológica, iniciada no duplo imperativo, marca uma virada, uma reviravolta ou uma revolução. De um lado “a luz”, lançada pelo que poderia se chamar de “movimento escatológico da glória de Javé”, do outro lado, a “treva/escurecimento” relacionada com o domínio das “nações”.

Este movimento escatológico de Javé é inclusivo. Não se trata de eliminar as “nações”, mas de atraí-las para o epicentro feminino da proposta escatológica da glória de Javé:

E virão as nações para a tua – *feminina* – luz,
E os reis para a claridade do teu brilho (60,3).

Outro duplo imperativo inicia um novo poema escatológico em 60,4: “Erguei os olhos! Olhai ao teu redor!” Este novo momento da proposta escatológica refere-se a transformações concretas e busca gerar uma nova consciência da realidade presente e futura. A visão concreta do futuro se projeta através das filhas e filhos como sujeitos do movimento escatológico da “glória de Javé”. O poema inicia com “a totalidade” afirma que todas (filhos e filhas), que vêm de longe, isto é, da Babilônia, devem fazer parte deste novo movimento e desta nova consciência.

Erguei ao redor os olhos e olhai! E todos eles são reunidos, vêm para ti,
Teus filhos de longe virão,
E tuas filhas são carregadas no colo (60,4).

A reunião imperativa de filhos e filhas se desdobra na visão das transformações concretas da realidade propostas por Javé. O brilho, do qual se falava no primeiro poema, produz o redirecionamento das riquezas. Antes as riquezas eram tiradas de Jerusalém e agora fluem para ela. Agora “as riquezas dos povos virão para ti” (60,5b). A proposta revolucionária de Javé indica uma reviravolta no fluxo das riquezas que antes iam para as mãos dos poderosos e agora fluem, de volta, para os filhos e filhas despojados/as (cf. 60,6-7a). A redistribuição das riquezas inclui todas as pessoas, inclusive as não israelitas, que louvam Javé em Jerusalém e o novo esplendor de cidade santa, e do seu templo (Casa), é fruto desta inversão da lógica da economia global e da sua geopolítica (cf. 60,6b.7b).

4. Javé vai ao encontro das utopias populares

Javé, como animador do movimento escatológico, convoca os filhos e filhas do povo para participar da sua glória. Através da metáfora das pombas, em 60,8, as pessoas são convocadas novamente para um movimento, como as pombas no seu movimento migratório, agora se dirigindo para o pombal, isto é, para sua casa, seu destino definitivo.

Neste convite Javé convida o povo a olhar para o mar, isto é, o lugar onde acontece a maior parte do comércio internacional. Os navios de Tarsis são um indiscutível símbolo deste comércio e das grandes riquezas geradas por ele (60,9; cf. Is 2,16; 23,1-2; Ez 27,25). No entanto, os navios ganham a nova função de transportar “os filhos de longe”, isto é, as pessoas libertadas da opressão. Agora estas pessoas, sujeitos do movimento escatológico revolucionário de Javé, são a maior riqueza! Os “filhos”, cativos e despojados, são os que trazem consigo o ouro e a prata! A expressão “de longe” lembra que estes filhos e filhas foram cativos dos povos que dominavam o comércio internacional. Assim, o convite à participação inclui a lembrança da opressão. Javé vai ao encontro dos anseios do povo exilado, isto é, voltar para sua terra e construir uma sociedade sem a opressão e o cativo.

Agora Javé se apresenta como o “Santo de Israel” (60,9b e 14). O título “Santo de Israel”, glorificado na reunião de filhos e filhas, é típico e quase exclusivo das profecias de Isaías, aparece 11 vezes em 1–39 (1º Isaías) e 7 vezes em 40–55 (2º Isaías)¹⁰. Em Trito-Isaías só aparece neste poema, no centro do mosaico profético! Trata-se de um resgate histórico que constrói uma ponte entre a tradição isaiana anterior e a nova proposta escatológica revolucionária. Mas, qual seria o sentido deste resgate?

Nos textos de Primeiro Isaías (1–39) o título “Santo de Israel” é usado para denunciar o descaso e desprezo com que as elites jersalemitas reagiam à profecia (1,4; 5,19.24; 31,1; 37,23) que continuavam a promover todo tipo de opressão e falsidade (30,11-12), mas, também, para anunciar a possibilidade de um novo tempo de socorro, conversão e louvor (10,20; 12,6; 17,7; 30,15). No entanto, sobre os textos de “anúncio de salvação” sempre cabe a suspeita de que sejam acréscimos inseridos na profecia do “Isaías histórico” (1–39), a partir da experiência do exílio e pós-exílio¹¹. Em Segundo Isaías, 40–55, o “Santo de Israel” é, quase que exclusivamente, visto como “salvador”, “libertador” ou “resgatador” do seu povo cativo na Babilônia (41,4; 43,3.14; 47,4; 48,17 e 54,5). Trito-Isaías resgata o sentido de salvador/libertador/resgatador, em 60,16, separando-o do título ao citar literalmente Is 49,26!

O resgate da tradição do “Santo de Israel” se relaciona diretamente com o papel histórico dos filhos e filhas que vêm de longe e seus antigos opressores. Os opressores são genericamente identificados como: os povos estrangeiros e seus reis. Seu caráter é explicitado quando são chamados de “filhos dos teus opressores” e “os que te desprezavam” (v. 14ac). Javé atende o desejo de justiça do povo cativo e despojado transformando opressores e destruidores em construtores das muralhas das cidades que eles mesmos tinham destruído, servos dos que tinham sido seus escravos, provedores de ri-

10. Louis MONLOUBOU. *Os profetas do Antigo Testamento*, p. 54-55. Este autor é da opinião de que “Isaías pode ter sido o criador da fórmula original (...) o Santo de Israel”.

11. Werner SCHMIDT. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 201 e 209-210. Segundo este autor as “promessas de salvação” que costumam ajuntar-se ao “nome de Deus (...) como ‘o Santo, o Salvador’”, caracterizam a linguagem de 2º Isaías. Assim, “os textos que prometem a Jerusalém uma virada milagrosa” podem constituir acréscimos posteriores. Por outro lado o autor, pelo caráter genérico das afirmativas, não descarta que algumas destas profecias sejam originais do Isaías histórico.

quezas para os que antes foram despojados e decoradores do templo da divindade que eles desprezaram (v. 10-11). Esta compensação é claramente utópica! A cada sofrimento corresponde o sonho de uma realidade oposta! Essa compensação não é mais feita pelo próprio Javé, mas pelos filhos/as que vêm “de longe”. O poder divino se apresenta apenas como garantia de obediência e possível castigo para os que permanecem na antiga relação de dominação (cf. 60,12).

Autopia é marcada pelo uso do termo: “ao invés de” ou “em lugar de” (*tahat*):

Ao invés de abandonada, odiada, sem visitas felicidade de geração em geração (60,15)

Ao invés de cobre	ouro
	ferro prata
	madeira bronze
	pedras ferro (60,17ab).

O sentido desta inversão revolucionária, valendo a redundância, é expresso na frase final que resume seu significado: “colocarei como tua administradora a Paz e como teu governo a Justiça” (60,17c). Javé abraça as utopias populares como forma de garantir um novo tempo de Paz e Justiça. Não se trata apenas de retirar o poder de antigos opressores para aparelhar novos opressores. Não se trata apenas de uma mudança de mando no mesmo sistema construído sobre a relação opressor-oprimido, mas um novo sistema utópico-escatológico onde este tipo de relação é definitivamente superada, promovendo, então, a redistribuição da riqueza e a inclusão de todas as pessoas no processo de transformação:

Não se fará ouvir grito na tua terra,
Violência ou destruição dentro das tuas fronteiras,
Chamarás “Salvação/Libertação” tuas muralhas
E as tuas portas: “Louvor” (60,18).

Este versículo utópico celebra o encontro entre a proposta e ação exclusiva de Javé (escatologia) e a participação popular na luta pela conquista dos seus mais queridos anseios (utopia). O responsável por este encontro é o próprio Javé, o mesmo anunciado pela tradição isaiana anterior¹², que agora, junto com seu povo, realiza completamente seu plano libertador indo ao encontro das utopias populares. Aqui Javé, como grande líder do movimento escatológico e utópico, divino e popular, se apresenta em primeira pessoa: “saberás que eu sou Javé, teu salvador, teu resgatador, o Forte de Jacó” (60,16; cf. 49,26). Culminando assim o resgate histórico, e a ponte entre as utopias do exílio e do pós-exílio.

12. Norman GOTTWALD, *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*, p. 356, entende que é possível entender estes textos dentro de “expansões e acréscimos numa ‘corrente isaiana de tradição’ (...) através de “grupos autopetua-dores, denominados um tanto vagamente ‘escolas’ (...)”.

O último poema do capítulo 60 é um belíssimo poema escatológico. Parece querer lembrar que a escatologia é maior e envolve as utopias mais ousadas! Neste poema a escatologia é elevada a sua máxima potência. É o clímax escatológico do bloco 60–62! A luz de Javé e sua glória, que brilham conforme o anúncio do primeiro poema do bloco (60,1-3), substituem o sol e a lua, tornando todas as pessoas justas e tornando cada tribo, até a menor, muito numerosa. O caráter escatológico é explicitado em duas afirmativas: “obra das minhas mãos para minha glorificação” (v. 21b) e “Eu Javé, desde agora, farei acontecer” (22b).

Após o clímax escatológico o capítulo 61 abre com uma apresentação da missão do “ungido” (61,1-3). O que pode ser considerado o clímax utópico! Jesus, mais adiante, identificará neste poema a sua missão! (Lc 4,18-21). Como acontece com Jesus que, conforme o Isaías histórico, podia ser entendido como Deus-conosco, “Emmanuel” (cf. Is 7,14), é difícil saber se o “ungido” é algum líder escolhido (antes identificado com o rei Ciro da Pérsia, que decretou a reconstrução do Templo e a volta dos exilados, cf. Is 45,1; 2Cr 36,22-23) ou trata-se de uma “personalidade coletiva” formada por todos os filhos e filhas que participam do movimento escatológico de Javé, como comunidade “ungida”. Em Jesus todas estas possibilidades são verdadeiras, pois Ele é Deus, líder e torna-se “comunidade”. Neste caso, pelo convite feito no poema anterior, parece se referir ao coletivo “filhos e filhas” como sujeitos do movimento transformador proposto por Deus. De qualquer forma fica claro que se trata de um agente sócio-histórico que Javé habilita como sujeito transformador da realidade opressiva em uma realidade utópica de caráter libertário.

O programa do “ungido” vai, novamente ao encontro dos sofrimentos e anseios populares. Há dentro deste programa uma correspondência entre as mazelas populares e as utopias que visualizam sua total superação. Mesmo que o texto não inclua “ao invés de” ou “em lugar de”, esse sentido parece estar implícito nas “boas notícias” de Javé para os pobres! Não para os poderosos e opressores! Javé age através do “ungido”, isto é, da participação de um sujeito histórico, por uma ação intra-histórica. As boas-novas deste encontro entre Javé e os anseios e sofrimentos das pessoas pobres se dá em dois momentos:

- a. Em 61,1-2 não se usa o termo “ao invés de”, mas a utopia é apresentada pela dialética entre “corações alquebrados” e “curativo/medicação”, entre “cativos” e “liberdade” e, enfaticamente, entre “presos” e “libertação”. O uso de dois termos diferentes para se referir às pessoas cativas (*shevûiyim* e *'asû-riym*) mostra que esta foi a principal experiência de opressão e, portanto, o maior anseio e a maior utopia é a libertação mencionada, também, de duas formas, uma econômica perdoar dívidas, *derôr* (cf. Lv 25,10, no contexto do jubileu), e a “abertura das prisões” (*peqah-qôh*). Como resumo se proclama o jubileu, “ano da graça de Javé”, visto como “dia de vingança” onde todas as vítimas são compensadas e todos os opressores destituídos (v. 2).

- b. No v. 3, reaparece o uso de “ao invés de”: diadema *ao invés de* cinza, óleo de júbilo *ao invés de* luto, veste de alegria *ao invés de* espírito abatido. Resumindo o sentido da inversão utópica, como antes em 60,17, na realização da justiça e do louvor (v. 3b).

A primeira parte do poema que segue, em 61,4-11, é quase que uma reedição do que foi apresentado em 60,10s. Neste poema os filhos dos estrangeiros, isto é, “os que foram maus” reconstróem as ruínas, reedificam cidades devastadas e desertas, tornam-se vinhateiros e pastores (v. 4-5). Os antigos opressores tornam-se trabalhadores! Não necessariamente escravos, porque eles, como trabalhadores, participam da glória de Javé em Jerusalém/Sião. Utopicamente todo o povo será formado por sacerdotes desfrutando das riquezas dos seus antigos opressores (v. 6). Então *ao invés de* vergonha e insultos, gritarão de alegria; *ao invés de* perder a posse da terra para os poderosos, terão a posse da terra para sempre (v. 7).

Javé se apresenta mais uma vez em primeira pessoa, lembrando, de novo, sua identificação como fundador e animador deste movimento escatológico e, agora, utópico, transformador que propõe para seu povo. Agora Javé se declara “amante da Justiça”, “Juiz amoroso”, pois odeia a espoliação dos pobres! (v. 8). Assim, pela realização da proposta escatológica divina, que compreende os anseios, sofrimentos e sonhos do povo, se realiza uma nova aliança, firmada na justiça e na paz (v. 9). Aliança que é celebrada no hino dos versículos 10 e 11. Enfim, o encontro entre Javé e seu povo, entre a proposta escatológica e as utopias populares, termina em festa de alegria! Uma festa feita na presença de todos os povos, antigos opressores que agora se apresentam como provedores dos que eles oprimiram.

5. A Palavra de Javé coloca o povo no caminho da práxis libertadora

O capítulo 62 coloca o movimento escatológico e utópico em marcha! Alguns comentaristas entenderam que a ordem de Is 60–62 teria sido re-arranjada e que, na sua seqüência original, o capítulo 60 estaria depois do 62¹³. Esta percepção constata que há uma continuidade entre 60,1-22 – onde o movimento escatológico é proposto por Javé – e o capítulo 62, onde Javé se apresenta novamente reforçando a proposta feita no começo do bloco. No entanto, pensando-se no encontro entre escatologia e utopia, ou entre a proposta divina e os sofrimentos e sonhos populares, a seqüência canônica (assim como se apresenta no texto final) pode estar desenhando esta aliança da seguinte forma:

13. Samuel AMSLER. *Os profetas e os livros proféticos*, p. 384.

- 60,1-7 – Javé como propositor do movimento escatológico: “eu glorificarei minha casa gloriosa” (60,7b).
 - 60,8-18 – Javé vai ao encontro das utopias populares: “ao invés de abandonada, odiada, sem visitas, te darei felicidade de geração em geração” (60,15).
- 60,19-22 – Clímax escatológico: Javé como nova luz (“eu Javé, desde agora, farei acontecer”, 22b).

61,1-3 – Missão do “ungido”, clímax do encontro entre escatologia e utopia ou entre o divino e o humano: “O Espírito do Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu, e me enviou para levar boas notícias aos pobres” (61,1).
- 61,4-11 – Javé novamente vai ao encontro das utopias populares: “aliança eterna farei com eles” (61,8b; apresenta semelhanças com 60,10s).
 - 62,1-12 – A Palavra de Javé como iniciadora do movimento escatológico: “e todos os reis verão a tua glória” (62,8), “Passai, passai pelas portas! Abri caminho ao povo” (62,10a)!

Assim, no final do bloco, fica claro que o movimento é escatológico e utópico, divino e popular! Javé não fica calado (*'êhshêh*) nem quieto (*'êsheqôt*). O movimento de Javé parte do amor comum, divino e popular, por Sião/Jerusalém (60,1-2). Em 62,4 a ação de Javé muda completamente a realidade da cidade santa realizando o anúncio utópico feito em 60,15. A coroa maravilhosa mencionada em 62,3 é *'atêret tife'êrêt*, semelhante ao anúncio em Is 28,5, lembra as promessas utópicas em 61,3a.10b! Nas promessas utópicas, junto com a cidade santa Sião/Jerusalém, o povo enlutado também recebe diadema em lugar de cinzas! A felicidade e beleza da cidade, como epicentro da transformação escatológica e utópica da realidade, é a beleza e alegria do seu povo! Da mesma forma, se Javé se recusa a ficar calado e quieto, sua promessa libertadora envolve seu povo que também deve ficar vigilante, nunca calado, nunca quieto (62,6-7). Isto é, o final do bloco, fruto do encontro entre escatologia e utopia, apresenta a correspondência direta entre a atitude divina e humana. Esta é a práxis da aliança anunciada em 61,8.

Os últimos versículos do capítulo 62 colocam, de fato, o povo em marcha. O centro de Trito-Isaías aqui, como no início em 60,1, usa por duas vezes um duplo imperativo: *passai/passai* e *aplanai/aplanai*. Começo e fim chamam para o movimento radical, transformador, revolucionário, tendo como epicentro Sião/Jerusalém! E a glória do Santo de Israel é vista como a glória do “povo santo”, dos “resgatados de Javé”. Isto é, a glória de Javé é a glória do seu povo antes oprimido, agora libertado e chamado para a construção de uma nova realidade que, mesmo com horizontes escatológicos e utópicos, inclui uma práxis histórica concreta.

6. Escatologia como horizonte da práxis transformadora

A comunidade exilada e repatriada no século 6º aC não proclamou sua esperança escatológica a partir do nada. A queda da Babilônia e o decreto imperial persa, que possibilitava seu retorno, foram realidades concretas que lhe abriram novos horizontes. A grande chance não foi vista como a consequência pura e simples do confronto entre o velho império e o novo império. A grande chance revelava o tempo divino! Deus é que tinha determinado a hora certa da transformação escatológica. Diante disso não havia lugar para titubeios ou vacilações, hora de levantar, de entrar, de aplinar, de gritar e proclamar, de se reunir, de construir, reconstruir, refundar! Enfim, lembra aquele hino antiditatorial de Vandrê: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer”. No entanto, aqui a hora era feita por Deus, cabia ao povo ir embora do cativeiro e se engajar no movimento escatológico.

A escatologia apresentada em Is 60–62 se encontra com as utopias de forma inclusiva e integradora. Mesmo tendo como epicentro o meio urbano de Jerusalém/Sião, ela inclui a libertação agrária (60,21; 61,5; 62,8). Mesmo numa sociedade patriarcal é uma profecia dedicada a “ela”, essa “tu” feminina, com a qual todas as pessoas do povo, filhas e filhos, são convidadas a se identificar e a se comprometer. Mesmo carregada de ressentimento contra seus antigos opressores, sem renunciar à justiça, não os exclui da sua visão de mundo novo (60,3.6-7.10; 61,5; 62,2). Mesmo sendo, primordialmente, uma ação divina, a proposta escatológica integra os sonhos de superação das mazelas das pessoas oprimidas, isto é, suas utopias, assim como elas tornam-se sujeitos desta práxis junto com Javé.

O encontro entre escatologia e utopias permite ver a conjuntura histórica como sinalizadora do tempo divino. Os Evangelhos de Jesus convidam para este olhar do *kairos* como tempo oportuno no qual Deus resolve intervir na história da humanidade (cf. Mc 1,15). Não se trata de um tempo aleatório, ele apresenta sinais, como o retorno dos exilados para Jerusalém. Por isso escatologia é também consciência histórica, pois convida a olhar e ver a mão divina agindo na história (60,2a.4a).

Quando as utopias são abraçadas pela escatologia o povo, desafiado constantemente a construir alternativas de luta e sobrevivência, é abraçado pelo seu Deus libertador. Este abraço promove uma nova espiritualidade onde é possível, imediatamente, sentir uma realidade projetada por Deus, onde os mais belos sonhos divinos e humanos se realizam.

Bibliografia

AMSLER, Samuel. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BRUEGGEMANN, Walter. *Biblical perspectives on evangelism, living in a three-storied universe*. Nashville: Abingdon Press, 1993.

COMICIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. Algunas cuestiones actuales de escatología. In: *Teología y Vida*. Santiago de Chile: Facultad de Teología Unversidad Católica de Chile, Año 33, n.12, I e II Trimestres, 1992.

- CROATTO, Severino. *Isaiás, a palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. III: 56-66 (A utopia da nova criação). Petrópolis: Vozes, 2002.
- GIMBERNAT, José Antonio. *Utopia*. In: *Conceptos fundamentales del cristianismo*. Madrid: Editorial Trotta, 1993.
- GOTTWALD, Norman. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- MONLOUBOU, Louis. *Os profetas do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- SCHRAMM, Brooks. *The opponents of third Isaiah: reconstructing the cultic history of the restoration*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.
- SCMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1999.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

Humberto Maiztegui Gonçalves
Av. Arnaldo Bohrer, 176 Apto. 02.
Porto Alegre RS.
humbertox@uol.com.br

Resumo:

Este artigo apresenta um exercício hermenêutico onde, a partir do entendimento de escatologia, como ação divina na história do povo, e das utopias, como anseios populares em oposição aos sofrimentos que lhe são impostos pela realidade opressiva, é feita uma análise dos capítulos centrais de Trito-Isaiás (60–62). O autor mostra que a escatologia proposta nestes capítulos abraça, compreende e integra, tanto as utopias populares quanto o povo como sujeito, junto com Javé, de um movimento escatológico radicalmente transformador, inclusivo e integrador, com seu epicentro em Jerusalém/Sião, onde a alegria do povo e a glória de Javé se realizam plenamente.